



O AUTISMO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UMA PERSPECTIVA SEMIÓTICA E EDUCACIONAL

Isadora Alves dos Santos¹

¹UFMG/Departamento de Terapia Ocupacional/Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, isadora.alvessantos21@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe uma análise do autismo como condição humana a partir de uma perspectiva educacional e semiótica. Discutem-se os processos de construção de significados sociais que estigmatizam pessoas autistas e defende-se a escola como espaço de ressignificação. A semiótica contribui para compreender as múltiplas formas de comunicação e expressão, possibilitando práticas pedagógicas inclusivas que rompem com discursos excludentes.

Palavras-chave: Autismo, Semiótica, Inclusão Escolar, Construção de Sentidos.

1. Introdução

O autismo, historicamente associado a déficits e limitações, tem sido gradualmente ressignificado como uma condição humana, plural e singular. Essa perspectiva rompe com narrativas estigmatizantes e propõe uma escuta educativa e inclusiva. Este artigo discute o autismo como condição humana a partir da teoria social e educacional e amplia o debate ao incorporar a semiótica como ferramenta para compreender os processos de significação no contexto escolar.

2. Metodologia

Este estudo é de caráter teórico e analítico, baseado na revisão crítica da literatura e na reflexão interdisciplinar. O artigo original de Santos, Macedo e Mafra (2022) serve como base central para a discussão, sendo ampliado com autores da semiótica



como Eco (1994) e Santaella (2004). A análise percorre três eixos principais: a construção social do autismo, a comunicação democrática e a escuta educativa, com ênfase na interpretação dos signos e nos processos de significação atribuídos às pessoas autistas no contexto escolar. O enfoque semiótico é utilizado para mostrar como signos e símbolos contribuem para o reforço ou ruptura de estigmas, e como práticas pedagógicas podem ressignificar esses signos. A metodologia adotada permite um olhar ampliado e crítico sobre a construção dos sentidos, buscando compreender como os discursos, gestos, símbolos e interações afetam as possibilidades de participação das pessoas autistas.

3. Análise

O autismo, ao longo da história, foi comumente associado a símbolos negativos, frequentemente ligados à incapacidade e ao isolamento. Essa construção social, como expõem Santos, Macedo e Mafra (2022), perpetuou um estigma que ainda hoje atravessa os espaços educativos. A semiótica, ao abordar os signos como elementos em constante interpretação, possibilita compreender que esses significados não são fixos, mas podem ser transformados.

Nesse sentido, é fundamental questionar os símbolos que rotulam a pessoa autista a partir de uma perspectiva reducionista. Ao considerar que a interpretação social do autismo é sustentada por símbolos historicamente construídos, percebemos que esses símbolos são resultado de processos culturais que precisam ser reavaliados. Conforme Goffman (2013), o estigma é um signo social que marginaliza, e é nesse contexto que a escola surge como um campo propício para a ressignificação. Assim, os ambientes escolares devem ser vistos como espaços propícios para a



desconstrução de significados negativos e para a promoção de novos sentidos que reconheçam a pluralidade.

Na medida em que Eco (1994) aponta que os signos não possuem um único sentido, mas são construídos no contexto social, é possível afirmar que a escola pode ser um lugar de mudança semiótica. Isso significa que é no dia a dia escolar, nas interações cotidianas, que as representações sobre o autismo podem ser ampliadas e resignificadas. A escuta educativa, proposta pelos autores do artigo de referência, alinha-se a essa perspectiva, pois implica ouvir e interpretar esses simbolismos sem reduzir a complexidade do outro a comportamentos observáveis. Além disso, a escuta educativa, compreendida como um processo aberto e dialógico, revela-se como uma prática semiótica essencial para acolher a diversidade. A interpretação dos símbolos manifestados por pessoas autistas requer um deslocamento do olhar tradicional e uma abertura para significados não convencionais, sendo assim, ao entender que a comunicação ocorre também por meios não verbais, é possível ampliar as possibilidades de interação e promover espaços mais inclusivos.

Nesse percurso, é necessário refletir sobre como os discursos e as imagens veiculadas pela mídia e pelos materiais pedagógicos contribuem para a formação dos sentidos sobre o autismo. Como Santaella (2004) destaca, a leitura das imagens sociais é um processo cultural que pode reforçar ou contestar estereótipos. Assim, cabe à escola atuar de forma crítica, promovendo leituras que desafiem simbologias excludentes e proponham interpretações mais inclusivas.

Ao considerar as formas não verbais de expressão como elementos significantes, é imprescindível reconhecer a linguagem corporal das pessoas autistas como parte do



seu repertório de comunicação. Os gestos, os comportamentos repetitivos e as preferências sensoriais não devem ser vistos como sinais de déficit, mas como outras formas de significar e se comunicar. Grandin (2011) enfatiza a importância de compreender o autismo "de dentro", e a semiótica oferece o suporte para esse entendimento ao propor a leitura plural desses símbolos.

Por fim, a adoção de uma perspectiva semiótica amplia a capacidade da escola de romper com o ciclo de estigmatização. Ao interpretar os signos emitidos pelas pessoas autistas com abertura, é possível construir espaços educativos mais justos e inclusivos. Esse movimento, além de favorecer o desenvolvimento dos estudantes autistas, promove o enriquecimento coletivo, pois desafia os participantes da comunidade escolar a repensarem seus próprios repertórios de significados.

4. Conclusão

A partir da interlocução entre a perspectiva educacional e a semiótica, reafirma-se que o autismo não deve ser compreendido como um conjunto de déficits, mas como uma condição que carrega formas singulares de expressão e comunicação. A escola tem um papel fundamental na construção de novos sentidos, rompendo com signos estigmatizantes e promovendo interações abertas à diversidade. A semiótica contribui ao revelar como os discursos, os gestos e as imagens produzem significados que podem ser ressignificados por meio de práticas pedagógicas conscientes e inclusivas. Reconhecer a pluralidade do espectro autista é um passo essencial para consolidar uma escuta educativa capaz de fomentar encontros genuínos e promover a humanização na educação.



Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania

Universidade, EaD e Software Livre

Referências

ECO, Umberto. Tratado geral de semiótica. São Paulo: Perspectiva, 1994.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GRANDIN, Temple. Mistérios de uma mente autista. Belo Horizonte: Clube de Autores, 2011.

SANTAELLA, Lucia. Semiótica aplicada. São Paulo: Thomson, 2004.

SANTOS, Régia Vidal; MACEDO, Eunice; MAFRA, Jason Ferreira. Autismo na escola: da construção social estigmatizante ao reconhecimento como condição humana. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 103, n. 264, p. 466-485, maio/ago. 2022.

YOUNG, Iris Marion. Justice and the politics of difference. Princeton: Princeton University Press, 1990.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual (CC BY-SA- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.